



FOTOS: MARCOS HENRIQUE

Índios: aprendizagem na manipulação de sementes e mudas nativas do Cerrado

Pequi agora também é coisa de Xavante

PAULO LYRA

ARQUIVO

Trinta dias depois de deixarem Xavantina, em Mato Grosso, para passarem em Brasília a maior temporada de suas vidas longe da aldeia, os xavantes Prepê e Cizerani continuavam sem falar português e pouco acostumados aos hábitos urbanos. Mas na viagem de volta, além da bagagem, eles levaram uma técnica pouco conhecida mesmo dos brancos: o plantio de sementes e a produção de mudas de espécies nativas do Cerrado.

Assim que chegarem à reserva de Pimentel Barbosa, os dois vão iniciar a plantação de pequi, araticum, jatobá, buriti e outras 15 espécies — a maioria frutíferas — típicas da região. Com isso, querem que sua terra retome as mesmas condições que tinha antes de 10 fazendas nela se instalarem e desmatassem 5 por cento dos 330 mil hectares do território para a instalação de projetos agropecuários.

DEMORA

Segundo a avaliação dos técnicos da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) que repassaram as técnicas, o reflorestamento da área de pastagem levará cinco anos. Em condições normais de reprodução, e sem a correção do solo com fertilizantes, a recomposição do ecossistema local demoraria até quatro vezes esse tempo.

Antes de chegarem ao CPAC (Centro de Pesquisa Agropecuária do Cerrado), órgão da Em-



Pequi, Araticum e Jatobá: reforço na alimentação

brapa localizado em Planaltina onde fizeram o estágio, os xavantes tentaram, sem sucesso, obter ajuda de outras instituições, através de sua associação. A estada no CPAC é a primeira de que se tem notícia em um centro de pesquisa para a recomposição da flora nativa, por indígenas.

Como apresentaram produtividade acima da média, as frutas plantadas ajudarão a reforçar a dieta alimentar dos índios. Além disso, elas fornecerão alimentação para animais silvestres (anta, tamanduá, caititu, veado e outros) caçados pela tribo. O excedente poderá ser comercializado.

Prepê e Cizerani acompanharam todas as etapas do ciclo de reprodução das plantas. A primeira foi a colheita de frutas e

sementes e sua identificação. Em seguida, eles aprenderam a semear em viveiros, fazer as covas, adubar, plantar e irrigar as mudas duas vezes ao dia. Quando deixaram o CPAC, vários espécimes por eles plantados começavam a germinar.

Além da nova técnica, os dois levarão para a reserva algumas sementes de cagaíta, inexistente na região, apesar de pertencerem ao mesmo ecossistema. Os técnicos da Embrapa também pretendem visitar a aldeia, para verificar a existência de outras espécies que os índios afirmam conhecer. Até lá, os dois se ocuparão do repasse de conhecimento adquirido para o restante da tribo, particularmente para as mulheres. Entre os xavantes, é a elas que cabe a tarefa de colher as frutas.

MARCOS HENRIQUE



Os índios Prepê e Cizerani (foto) passaram 30 dias no Centro de Pesquisa Agropecuária do Cerrado, em Planaltina, aprendendo uma técnica pouco conhecida mesmo entre os brancos: o plantio de sementes e a produção de mudas de espécies nativas do cerrado, como pequi, jatobá e buriti. Agora, eles vão reflorestar a reserva Pimentel Barbosa, em Mato Grosso, cuja flora foi destruída pelos projetos agropecuários.

Página 19